



TRATANTES

ANA MARIA MACHADO

Não dormiu bem. Acordou muito cedo, toda suada. O ar-condicionado não estava funcionando. Fazia um barulhão e não refrescava nada. O técnico já prometera umas duas vezes que viria e não apareceu. Igualzinho ao marceneiro que garantira vir logo ver a porta do armário e acabar com aquele rangido desagradável toda vez que se abria. Jacaré veio? Nem ele. A gente confia, espera, o tempo passa, não aparece ninguém. São todos uns tratantes. Incapazes de cumprir um compromisso.

Daí a pouco ia se levantar. Já estava sem posição na cama, virando de um lado para outro. Desde antes que os passarinhos começassem a cantar. Lembrou da neta e sorriu no escuro. Recordou como uma vez a menina lhe explicara que gostava de dormir em casa da avó porque, se acordasse antes de todo mundo, tinha muito passarinho no quintal para ouvir. Aí ela tinha certeza de que em pouco tempo clareava, porque já era cedinho. Em sua própria casa, ela nunca sabia se já era cedinho ou se ia demorar muito a amanhecer e até os pássaros estavam dormindo, porque ainda era cedão.

Pois nesse dia a avó acordara cedão, antes do cedinho. E cansara de ficar na cama sem fazer nada. Resolveu ler um pouco. Acendeu a lâmpada na cabeceira, pegou a Bíblia, abriu a esmo, como às vezes fazia. Teve o cuidado de abrir mais para o princípio do livro. Distraía-se mais com o Velho Testamento, aquelas histórias movimentadas, cheias de peripécias e traições.

Quando percebeu, já se passara um bom tempo. Chegava-lhe às narinas o chamado da refeição que Hermínia preparava na cozinha. O aroma do café fresco que se exalava do filtro de papel enquanto a bebida pingava na garrafa térmica. O perfume das laranjas recém-espremidas, que logo seriam refrescadas na geladeira. E o cheiro tentador do toucinho derretido na frigideira, à espera de que ela se levantasse e seu bom-dia desse o sinal verde para que dois ovos fossem fritos. Ovos com bacon, colesterol puro. Durante tantos anos Lídia se privara deles. Agora, de vez em quando deixava um bilhete para a empregada na véspera e se permitia de novo esse prazer guloso. Não era isso que ia importar a esta altura. Nada mais faria diferença, e ela sabia disso muito bem.

Levantou-se e foi lavar o rosto. Logo mergulharia na gema ensolarada o pão francês fresquinho e crocante, acabado de vir da padaria.



Antes de sentar-se à mesa, pôs os óculos, escolheu um CD (hoje Mozart), passou os olhos pela primeira página do jornal. O de sempre. Mas levou-o para a mesa. Gostava de ler os artigos de opinião, acompanhar um ou outro colunista. Quando Ernane era vivo, os dois conversavam sobre as notícias enquanto tomavam o café da manhã que ela havia preparado. Agora, a conversa era silenciosa, com algum jornalista que ela nem conhecia. Mas a refeição não precisava ser feita por ela. Já estava à sua espera sobre a mesa. Prontinha. Com uma bela fatia de mamão já sem sementes. Com manteiga, geleia e mel para o pão. E uma porção de comprimidos, os primeiros do dia, a lembrar aquilo tudo que não dava para esquecer.

A leitura se prolongou além da mesa. Prosseguiu na cadeira da varanda, sob o sol ameno da manhã. Os destinos do país continuavam a preocupá-la. Não tinha jeito, não conseguia se desligar dos acontecimentos que se sucediam, por mais que tivesse razões para só olhar para o próprio umbigo. Acabava se demorando com o jornal. Depois foi dar uma volta no quintal. Sabia que era um privilégio ainda morar na mesma casa em que criara os filhos e acompanhara cada planta crescer. Não abria mão de aproveitá-la. Em breve, quando se fosse, os herdeiros a venderiam e dividiriam o dinheiro. Talvez fosse essa a forma de que ela ainda continuasse a ampará-los.

Abriu a torneira, ajustou a força do jato que saía da mangueira. Reduziu a água a um leve chuveiro que apenas borrifasse as folhas. Viu que o canteiro de tagetes e calêndulas continuava a se renovar em seu amarelo dourado. Que novos vermelhos explodiam nos vasos de gerânios. Que as marias-sem-vergonha no canto sombreado junto ao muro faziam justiça ao nome, profusas e oferecidas por entre a folhagem. Conferiu os jasmims que haviam caído durante a noite; os manacás ontem roxos e hoje lilases, que amanhã estariam brancos. Constatou com alegria que em ambos os arbustos ainda havia botões, promessas de renovação no cantinho perfumado que de noite a encantava.

Na horta, os ombros das cenouras já começavam a se mostrar, saindo da terra sob as cabeleiras verdes. No mais recente canteiro de alfaces, alguns pés já estavam quase no ponto de serem colhidos, talvez ajudados pela sombra rala do arbusto de fruta-do-conde, onde duas temporãs estavam vestidas por um saquinho de pano que ela mesma preparara, em sabedoria aprendida de sua avó, para que alguma eventual praga não lhes atingisse a perfeição da forma ou a doçura do gosto.

— Dona Lídia, as crianças já chegaram — avisou Hermínia.

Interrompeu a rega e foi até a varanda, onde os pequenos vieram encontrá-la, aos pinotes para os abraços e agradecimentos matinais. Sentaram-se todos.



— Quer massagem, vó? — perguntou o neto, como sempre, sabendo que a resposta nunca deixava de ser positiva.

— Vou buscar o tratante — anunciou a menina.

Num instante estava de volta, vidro de hidratante na mão. Lídia deitou-se na rede, esticou as pernas, cada um se sentou de um lado e tomou um de seus pés entre as mãos. Fechou os olhos e ficou sentindo as mãozinhas das crianças a espalhar a loção. Um levíssimo aroma de lavanda. Em toque ainda mais leve, de almas e dedos infantis. Tênuo mas capaz de a transportar em prazer profundo, de carinho gostoso, ao mesmo tempo morno e fresco. Vida `a flor da pele. Vontade de que não acabasse nunca.

— Hoje a gente pode ficar muito tempo. Não vai ter aula, é conselho de classe — informou o menino, como se adivinhasse seus pensamentos. — Dá para ficar o dia todo.

Um dia inteiro com eles. Um presente. Lembrou-se de uma revista que costumava ler no avião, no tempo em que viajava muito para acompanhar Ernane. Tinha uma seção chamada: “Um dia pleno”, com o roteiro de 24 horas intensas, aproveitando tudo ao máximo, cada vez em uma cidade.

— Que bom! — saudou a avó. — Então vamos brincar de fazer coisas boas o dia inteiro.

— Mas só quando a gente acabar de passar tratante no seu pé — disse a menina, concentrada, a lhe espalhar a loção perfumada pelo calcanhar.

Não tinha pressa mesmo. Todo o tempo do mundo ia caber naquele dia. Deixou-se ficar, entregue a cada segundo de carícias, de olhos fechados, ouvindo a conversinha dos pequenos, respondendo de vez em quando. Depois foi resolver um almoço especial, só com coisa bem simples de que criança gosta. E banana frita de sobremesa. Com sorvete.

Enquanto não chegava a hora, ficaram no jardim. Mexeram na terra, plantaram, limpavam um canteiro. Examinaram minhocas e até um caracol. Depois, um bom banho. Na frente da televisão, ficaram vendo desenhos até a comida ficar pronta.

Barriga cheia, deu moleza. Lídia ia deitar um pouco e sugerir que as crianças ficassem brincando por perto. Mas o pedido da neta foi mais forte:



— Conta uma história...

Ajeitaram-se todos na rede da varanda. Ela no meio. De cada lado um neto, bem aninhado. O sono foi chegando enquanto ela falava em príncipes e princesas, das histórias que, em pequena, ouvira de sua avó. Daí a pouco, as crianças ressonavam tranquilas. Ela lhes acariciou os cabelos, deu um cheirinho em cada um. Acabou cochilando também.

Quando acordou, a filha estava de pé à sua frente. Já era tarde, viera buscar os meninos.

— O que vocês fizeram o dia inteiro? — perguntou ela.

“Fabricamos lembranças”, podia ser a resposta que Lídia não chegou a dar, porque o neto foi logo anunciando:

— A gente brincou de tratante.

— A vovó tratou da gente e a gente tratou dela — explicou a irmã.

As duas mulheres sorriram.

— E ainda me passaram tratante no pé, fizeram massagem e tudo — contou a mais velha.

A filha se sentou na cadeira de vime, segurou a mão da mãe, ficaram conversando um pouco. Desde menina, nunca se sentira tão próxima dela como nesses últimos dias.

— Como é que acaba, vovó? — perguntou a menina, de repente. — Eu dormi antes do fim da história.

— Então eu vou contar, para você aprender e um dia contar para a sua neta. Porque esta história eu aprendi com a minha avó.

E foi encadeando as palavras, enquanto a tarde ia embora e a noite chegava, numa história que ia durar mais que ela, e um dia, quem sabe?, talvez fosse contada, em feitiço de despedida, a uma menina pequena por uma mulher mais velha que se lembraria daquele dia pleno. Enquanto tivesse memória.